

**Anais do 6º Interprogramas de Mestrado
da Faculdade Cásper Líbero
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)
ISSN: 2176-4476**

Texto original como enviado pelo/a autor/a

**APROXIMAÇÕES ENTRE JORNALISMO LITERÁRIO
E IMPRENSA ALTERNATIVA**

Bruno Ravanelli Pessa¹

Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo a relação entre jornalismo literário e imprensa alternativa. Visa apontar características correlatas entre ambos, para que posteriormente seja possível traçar contribuições do gênero jornalístico inspirado pela literatura às finalidades dos veículos considerados alternativos. A metodologia de análise é composta de pesquisa bibliográfica e documental. O quadro teórico de referência desta pesquisa se serve de reflexões de pesquisadores sobre jornalismo literário e imprensa alternativa.

Palavras-chave: Jornalismo literário, Livro-reportagem, Jornalismo alternativo, Imprensa alternativa, Cidadania.

Parte 1: Jornalismo literário

Entendemos jornalismo literário como uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico. Neste estudo, deixaremos de lado o formato ensaio

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail do autor: brpessa@hotmail.com

jornalístico – que mescla narrativa e reflexão dissertativa de tom não-acadêmico -, pois nos interessa o jornalismo literário praticado na reportagem de profundidade, para uma posterior tentativa de aplicação no jornalismo alternativo, considerando que a reportagem é a espécie narrativa propícia ao exercício do jornalismo literário mais comum nesse tipo de mídia.

Podemos entender a reportagem como “uma extensão da notícia e, por excelência, a forma-narrativa do veículo impresso” (Sodré; Ferrari, 1986:11). Se a notícia é o relato de um fato de interesse jornalístico, a reportagem é a narrativa que aborda as origens, implicações e desdobramentos do fato, bem como apresenta os personagens envolvidos nele, humanizando-os. A reportagem enriquece as linhas de tempo e espaço da notícia, superando os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente e conduz a um quadro interpretativo do fato, como apontam Martins e Araújo (2003:99), resgatando formulação de Medina (1988).

A reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia.

Da extensão de uma grande-reportagem ou do encadeamento de reportagens que formem uma unidade como elementos de um único enredo, pode-se chegar, como resultado, ao livro-reportagem. Livro-reportagem é "o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos" (Lima, 2004:26). Por grau de amplitude superior, se entende maior ênfase ao tratamento do tema em foco nos aspectos extensivo e intensivo.

A função particular do livro-reportagem é

informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo” (Lima, 2004:39).

Suas características e especificidades se formam a partir de uma relação de complementaridade aos veículos de comunicação periódicos, cuja natureza cria demandas para que se produzam livros-reportagem.

As histórias da reportagem, da grande-reportagem e, por conseqüência, do livro-reportagem, não seriam as mesmas não fosse a existência e repercussão do movimento conhecido como *new journalism*, tendência que reviveu a tradição do jornalismo praticado com requintes literários, revigorando a reportagem norte-americana das décadas de 1960 e 70. O “novo” jornalismo buscava um mergulho de corpo e mente para sentir a realidade tanto no aspecto objetivo quanto no que ela tem de subjetivo, de imaterial. Suas reportagens eram marcadas por traços referentes à vida dos personagens, identificados em detalhes, e traziam o calor dos acontecimentos relatados.

É inegável a contribuição do *new journalism* para o aprimoramento da reportagem e do olhar jornalístico sobre a realidade, tanto que seus frutos e ecos não se renderam à América do Norte nem cessaram no momento histórico de ebulição da contracultura. No Brasil, um exemplo claramente influenciado pela tendência norte-americana foi a revista "Realidade", cujo período “de ouro” está situado entre 1966 e 1968.

Há quem considere as expressões *new journalism* e jornalismo literário como sinônimo, mas esta não é a visão deste estudo, que identifica, do mesmo modo que Edvaldo Pereira Lima, o primeiro como movimento situado em localidade e período histórico específicos e entende o segundo como modalidade de jornalismo independente de um contexto histórico circunscrito (Lima, 1998:51). No caso do jornalismo literário, incorporamos a definição da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), publicada por Lima no site oficial da entidade:

Jornalismo literário é a modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo (Lima, 2009a:online).

Desta definição, é possível extrair características da modalidade que foram praticadas pelos "novos jornalistas" e se configuram como ferramentas e recursos enriquecedores da reportagem, no sentido de abastecê-la com fluência na linguagem do seu

texto e profundidade no tratamento do seu tema. Alguns destes traços foram "importados" da literatura e outros, nascidos do jornalismo, foram intensificados. São eles: imersão do repórter na realidade, voz autoral e estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos, digressão e humanização. Marca essencial das produções de jornalismo literário, a humanização é explicada para além das fronteiras da prática jornalística, como afirma Edvaldo Pereira Lima:

Essa preferência do Jornalismo Literário por representar o mundo através das pessoas de carne, osso e alma, propondo-se a conhecê-las em sua complexidade humana, corresponde a uma profunda necessidade social. Precisamos contar nossas histórias, gostamos de ver e ouvir as histórias dos outros, pois são elas que ajudam a dar sentido às nossas vidas, que nos mostram quem somos. Permitem que nos identifiquemos, ajudam-nos a encontrar quem nos inspira na nossa caminhada, quem nos mostra, através de suas histórias, iluminações para a realização do nosso propósito de viver. Possibilitam que compartilhemos, com os outros, a nossa contribuição para a sociedade (Lima, 2009b:online).

Felipe Pena (2006) enquadra o jornalismo literário como um gênero jornalístico, que abarca diversos subgêneros, como o próprio *new journalism* aqui citado, o jornalismo gonzo, a biografia, o romance-reportagem e a crítica literária, entre outros. Tal noção deriva das diferentes classificações que a expressão jornalismo literário recebe no Brasil e da interpretação do pesquisador de que cada uma destas classificações não dá conta de todas as dimensões do termo, mas, ao mesmo tempo, nenhuma delas pode ser desprezada para um entendimento irrestrito dele. Entre os atributos listados por Pena para o conceito de jornalismo literário, estão: potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercitar a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Parte 2: Imprensa alternativa

Quanto ao campo teórico da imprensa alternativa, esta pesquisa recorre primordialmente às produções de Bernardo Kucinski, Rivaldo Chinem e Cicília Peruzzo. Os autores destacam o não-alinhamento a governos e ao modo de operação da grande mídia, atrelada à lógica do mercado e aos interesses ideológicos e políticos das classes dominantes. Os veículos deste nicho jornalístico exercem papel ativo na luta pela cidadania,

assumindo posturas democráticas como a denúncia social e a visibilidade aos grupos menos favorecidos da população. Cidadania “é o desenvolvimento social com igualdade”, como define Peruzzo, lembrando que a extrema desigualdade dentro dos países e entre as nações torna “uns mais cidadãos que outros, sendo estes a maioria” (Peruzzo, 1998:46).

Entre outras reflexões igualmente relevantes, Kucinski localiza o contexto de aparecimento da imprensa alternativa no Brasil nos anos 1960 e 70, afirmando que a mesma “surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade” (Kucinski, 1991:XVI). Entretanto, esse não foi o primeiro surto do fenômeno alternativo na história do jornalismo brasileiro, como destaca o analista, que cita dois momentos predecessores na história do país: o período da Regência, na década de 1830, com cerca de 50 títulos de pasquins irreverentes e panfletários; e, entre as décadas de 1880 e 1920, o desabrochar dos jornais anarquistas de operários, alcançando o expressivo montante de quase 400 títulos.

A imprensa alternativa dos anos 1970 pode ser vista, no seu conjunto, como sucessora da imprensa panfletária dos pasquins e da imprensa anarquista, na função social de criação de um espaço público reflexo, contra-hegemônico, especialmente no seu apogeu, durante o triênio 1975-1977, quando a circulação simultânea de oito grandes veículos atingiu até 160 mil exemplares por semana (Kucinski, 1991:XXI).

Percorrendo a história de diversas publicações, o autor, que inclusive participou como personagem ativo desta história, lembra que os jornais alternativos contrastavam com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, denunciando as violações dos direitos humanos e criticando o modelo econômico vigente. Em oposição ideológica ao discurso oficial, esses veículos eram tratados de modo diferenciado pelo aparelho militar brasileiro, que os perseguia e os submetia a um regime de censura prévia.

Temeroso de que a crítica pudesse desgastar sua precária unidade, o governo militar não tolerava o nível normal de dissensão e debate da opinião pública, reforçando a violência da repressão a cada nova manifestação contrária da parte dos civis, como explica Paolo Marconi (1980:27). De acordo com essa lógica, todas as pessoas que lidavam de alguma maneira com a opinião pública, de forma independente, como era o caso de muitos

jornalistas, professores, intelectuais e artistas, eram enquadrados sob eterna e maniqueísta suspeição - tal característica, segundo Marconi, não era exclusiva do regime brasileiro, pois todas as ditaduras tendem a zelar pelo "monolitismo doutrinal da informação", citando Demichel (Demichel apud Marconi, 1980:26).

Chinem identifica os veículos da imprensa alternativa como aqueles que não estão vinculados aos interesses ou tendências políticas dominantes e tentavam propor alternativas “não apenas de notícia, mas de mercado, de postura, de organização acionária, a sonhada empreita do jornal de jornalista” (Chinem, 1995:8). Durante o período de exceção vivido pelo país, esses jornais eram “os únicos canais disponíveis para a crítica e a informação independentes” (Chinem, 1995:86).

O estudioso ouviu profissionais que fizeram parte desta experiência brasileira de oposição por meio do jornalismo e relatou as trajetórias de meios que ganharam grande repercussão, como o bem-humorado “O Pasquim”, lançado em 1969, o interpretativo “Opinião” (1972) e o politizado “Movimento” (1975). Outros veículos de destaque na época foram “Pif Paf” (1964), “Bondinho” (1970), “Versus” (1974), “De fato” (1975), “Coojornal” (1975) e “Extra” (1984).

Tratava-se de publicações elaboradas e dirigidas por jornalistas de esquerda, alguns ligados à pequena burguesia, que, "cansados do autoritarismo, aspiravam um novo projeto social e se preocupavam em informar a população sobre temas de interesse nacional numa abordagem crítica" (Kucinski apud Peruzzo, 2009:136). Na avaliação de Chinem, os jornais alternativos deixaram de ter o papel que desempenhavam com o fim da censura, mas por outro lado passaram a ter a possibilidade de uma ação de massa mais ampla e de multiplicar suas tiragens a partir da redemocratização.

Peruzzo aponta que a comunicação alternativa "pretende ser uma opção como canal de expressão e de conteúdos infocomunicativos em comparação à grande mídia comercial e à mídia pública de tendência conservadora" (Peruzzo, 2009:132). A partir desse pressuposto, desenvolve-se ao longo da história uma "práxis comunicacional diversa, teórica e prática", que se modifica em conformidade com o contexto histórico em que se realiza.

Além de discutir a comunicação alternativa a partir de sua manifestação no contexto do regime militar no Brasil, como os demais autores, ela identifica algumas das novas

formas de jornalismo alternativo praticadas na atualidade, com base em pesquisa bibliográfica. A pesquisadora descreve os elementos que compõem a chamada corrente imprensa alternativa, que engloba

o jornalismo alternativo praticado no contexto dos movimentos populares (...); a imprensa 'popular' ligada a organismos comprometidos com as causas sociais, mas com publicações de porte mais bem elaborado e com tiragens maiores; a imprensa político-partidária; a imprensa sindical combativa e o jornal alternativo propriamente dito, caracterizado como de informação geral, à semelhança dos diários, semanários ou mensários, porém com abordagem crítica (Peruzzo, 2009:136).

Parte 3: "Jornalismo alternativo literário"

Depois de discorrer a respeito de jornalismo literário e imprensa alternativa, este trabalho propõe uma aproximação entre esses dois campos jornalísticos, a fim de averiguar se alguns dos traços do jornalismo literário se identificam com características da imprensa alternativa e verificar até que ponto o primeiro poderia auxiliar a segunda a atingir suas finalidades.

Essa etapa da pesquisa ainda se encontra em sua fase inicial, mas já é possível traçar algumas observações. Visto não apenas como um exercício de estilo e aperfeiçoamento do texto que dá forma à reportagem, o jornalismo literário demonstra comprometimento com o diálogo social quando pratica a pluralidade de vozes e a humanização dos personagens retratados. Assim, colabora para o exercício da cidadania, na esfera do compromisso social do jornalismo, apresentando pontos em comum com os meios alternativos.

Por pluralidade de vozes, entende-se o espaço dado para os personagens das mais variadas condições sociais, das "figuras públicas" aos "anônimos" da sociedade, indivíduos sem status, desconhecidos de forma geral e esquecidos pelos meios de comunicação. Afinal, não pode escapar ao jornalista a consideração de que a história e a vida social não são feitas apenas pelas personalidades reconhecidas por terem seus nomes vinculados a marcos registrados nos documentos oficiais.

Entre os jornalistas que se sobressaíram recentemente pela disposição e talento em retratar perfis de pessoas "invisíveis" para a mídia convencional, está Eliane Brum, repórter

gaúcha cujos textos produzidos para o jornal Zero Hora, de Porto Alegre, foram compilados no livro "A vida que ninguém vê", publicado em 2006. Brum credita ao olhar insubordinado à rotina que banaliza o mundo a descoberta de que "o ordinário da vida é o extraordinário" e cada vida é um milagre, porque "cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma 'Odisséia'" (Brum, 2006:187), referindo-se ao poema épico grego centrado no herói Ulisses, atribuído a Homero e provavelmente escrito no século VIII antes de Cristo.

Ouvir e transmitir o que dizem as "pessoas comuns" também gera um efeito no leitor da narrativa. Pesa para ele o grau de identificação com os anônimos e suas histórias de vida, como afirma Cremilda Medina, que defende a descoberta da trama daqueles que não têm voz e a recriação da oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional. "De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano", escreve (Medina, 2003:52).

No jornalismo, humanizar é priorizar o ser humano abordado na investigação jornalística em detrimento a estatísticas, números e dados meramente factuais, sobrevalorizados nos órgãos da chamada grande imprensa. Um texto humanizado desperta, no leitor que o frui, a solidariedade de um olhar carinhoso para com os protagonistas das ações narradas. Esta nova concepção sobre o "outro" com quem convivemos, exterminando preconceitos, é sinal de que a humanização de fato existiu e o jornalismo literário atingiu seu objetivo maior.

Medina propõe o deslocamento da relação sujeito-objeto para uma comunhão sujeito-sujeito no encontro do jornalista com as pessoas que irá ouvir. "É preciso abandonar o conforto das fórmulas engessadas nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano" (Medina, 2003:140). Sempre aberto ao que as sabedorias do cotidiano têm a dizer, o jornalista comprometido com o protagonismo social não pode abrir mão dessa mediação. Promover um gesto de cidadania desse calibre não é tarefa fácil, uma vez que, como lembra a autora, tal caminhada constitui uma batalha ancestral dos pesquisadores e profissionais conscientes de sua responsabilidade na América Latina, onde a colonialidade do poder gera a "invisibilidade sociológica" (Aníbal Quijano) da maioria da população, tolhida no que tange à formação de sua subjetividade e identidade (Medina, 2006:36).

Convém lembrar que, de modo inverso, o jornalismo alternativo também apresenta contribuições a oferecer ao jornalismo literário, como o estímulo à formação de uma consciência crítica nos produtores da reportagem, em princípio, e nos seus consumidores, por consequência, levando-se em consideração que a abordagem crítica dos acontecimentos e conjunturas é uma característica marcante da imprensa alternativa, como anteriormente lembramos neste estudo.

Referências

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Ática, 1995.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2.ed. São Paulo: Manole, 2004.

_____. CONCEITOS. **Academia Brasileira de Jornalismo Literário**. Disponível em: <<http://www.abjl.org.br>>. Acesso em 16 jun. 2009a.

_____. JORNALISMO LITERÁRIO NO CINEMA. **Portal do Jornalismo Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/arquivodomural8.htm>> Acesso em 16 jun. 2009b.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991.

MARCONI, Paolo. **A censura política na imprensa brasileira (1968-1978)**. 2.ed. São Paulo: Global, 1980

MARTINS, Maura Oliveira e ARAÚJO, Paulo Roberto de Oliveira. A Casa de Todos os Santos: A criatividade no texto da reportagem impressa através da recuperação de aspectos do Novo Jornalismo. In: SILVEIRA, Ada Machado da (org.). **Jornalismo além da notícia**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

_____. **A arte de tecer o presente:** narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos.** São Paulo: Paulus, 2006.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2006.

PERUZZO, Cicília. **Comunicação nos movimentos populares:** a participação na construção da cidadania. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Galáxia:** revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, n. 17, p. 131-146, jun. 2009.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.